

III Memória

Pablo Simpson

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMPSON, P. Memória. In: *Rastro, hesitação e memória: o tempo na poesia de Yves Bonnefoy* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 279-285. ISBN 978-85-6833-472-0. Available from: doi: [10.7476/9788568334720](https://doi.org/10.7476/9788568334720). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/2463f/epub/simpson-9788568334720.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

III

MEMÓRIA

Na casa que respira, quase sem ruído – “et la maison respire, presque sans bruit” – uma lembrança se afasta e retorna. Assim, no primeiro poema de *Ce qui fut sans lumière*, intitulado “Le souvenir”, o tempo como um rio, o próprio Lete, surge diante do poeta. Dispersa as imagens, traz a ele a lembrança da casa natal. Ele que acorda, noite após noite, na casa vazia. E que ouve ressoar a flauta “na fumaça das coisas transparentes”:

Joies, et le temps qui vint au travers, comme un fleuve
En crue, de nuit, débouche dans le rêve
Et en blesse la rive, et en disperse
Les images les plus sereines dans la boue. (*CFL*, p.12)

[Alegrias, e o tempo que veio de um lado a outro, como um rio
Na cheia, de noite, desemboca no sonho
E abençoa-lhe a margem, e lhe dispersa
As imagens mais serenas na lama.]

Imagens que se erguem e se dispersam, em suas aparições fantasmáticas. Este último ensaio pretende abarcar outras manifestações desse gesto. O sentido bem poderia resgatar as considerações sobre a noção de rastro ou sobre as diversas hesitações do eu diante desses lugares da consciência e da escrita, esquivos, dados em sua relação também com a memória. Há outras considerações. Trata-

-se aqui de um ato que institui o poema, a lembrança do que Yves Bonnefoy chamaria “o acréscimo do que existe sobre suas representações”. A citação está no estudo “Sous l’horizon du langage”, publicado em 2002.

J’appelle poésie ce qui, dans l’espace des mots, notre monde, a mémoire du surcroît de ce qui est sur ses représentations: mémoire des référents dans l’espace des signifiés. Et ce qui, du fait de la grande contrainte, ne cesse pas d’oublier, même désire oublier, substituant imaginaire à présence, mais revient à son intuition à des moments imprévus de sa constante inquiétude. (*SHL*, p.8) [Chamo poesia o que, no espaço das palavras, nosso mundo, guarda memória do acréscimo do que existe sobre suas representações: memória dos referentes no espaço dos significados. E o que, diante do grande impedimento, não deixa de esquecer, deseja mesmo esquecer, substituindo o imaginário pela presença, mas retorna à sua intuição em momentos imprevistos de sua constante inquietude.]

A poesia tem memória, consagra-se a ela. A primeira consideração deste último estudo, e a mais geral, retomará esse gesto da poesia, da escrita como memória, e sua contraparte, o esquecimento, na obra poética de Yves Bonnefoy. Esquecimento não como aquele pretendido por Mallarmé ou Valéry, segundo Harald Weinrich. Para Valéry, “o pensamento tem por condição essencial de seu papel na ação, o esquecimento”. Nada mais distante de Yves Bonnefoy, afastado de preocupações com o “pensamento”, mas também com uma teoria da ação. Esquecimento, para que se indique esse lapso de tempo sem retorno, que é o acréscimo incomensurável oferecido à memória senão como rastro. Incomensurável, embora não faça do poeta um ser de mil anos, como em Baudelaire. Violência do esquecimento, do “ávido esquecimento”, como estará em *Les Planches courbes*, ou da lembrança que inquieta em “Le souvenir”, escavando uma falha, afirmando aquilo que o poema “não para de esquecer, deseja mesmo esquecer”.

Não se subsumem, no entanto, os dois caminhos anteriores: do rastro, em suas três leituras, tampouco da hesitação. Se o caminho da memória traz fecho ao estudo, ele não é o seu foco principal. A poesia de Yves Bonnefoy não elegeu, como se pôde observar nas leituras anteriores, esse tempo pretérito como um espaço privilegiado de sua relação com o tempo. A presença, a morte e a alteridade, expressas com os sentidos do testemunho, do sonho, da responsabilidade ou do limiar, em *Dans le leurre du seuil*, por exemplo, jamais neutralizaram, por assim dizer, as tensões do tempo. O texto, embora oferecesse seus diversos rostos, dando a ver o outro muitas vezes sem rosto ou cego como o deus que surgirá em *Les Planches courbes*, não intende uma espécie de sincronia recuperadora, contra a diacronia ou a *distentio animi* agostiniana. A recusa é a mesma que Paul Ricœur apontaria no estudo *Autrement*, dedicado a Emmanuel Lévinas. Em Yves Bonnefoy, a memória não deixaria, como no filósofo, de reconhecer a distância temporal irrecuperável da representação, ainda que diante de um horizonte da unidade, do simples, da beleza que retornaria como verdade: reaproximação, em *Les Planches courbes*, de dois termos essenciais à sua obra poética. Nesse sentido, um passado originário comportaria, como em Lévinas, um caráter imemorial – imemorável, para Paul Ricœur. A isso se dedicará uma das partes deste último estudo.

A memória é, todavia, uma resposta à dimensão efêmera dos rastros e à hesitação. Ela permite retornar a uma intuição da presença “nos momentos imprevistos de sua constante inquietude”, fazendo quase coincidir a identidade da representação e realidade. Ainda que a poesia deva guardar das coisas “quase o mesmo peso, ser não ser”, num dos poemas de *Les Planches courbes*, há uma generalidade da representação que apontaria para a possibilidade de uma memória, equivalente espiritual, conforme se procurou vislumbrar no primeiro estudo. Ela será memória, muitas vezes, das coisas “sem memória”, em *Les Planches courbes*.

Et nos pas allaient nus dans l’herbe sans mémoire,
 Nous étions l’illusion qu’on nomme souvenir. (*Planches*, p.18)

[E nossos passos iam nus na relva sem memória,
 Éramos a ilusão que chamamos lembrança.]

No mesmo poema, o poeta se perguntaria pelo desejo de “reunir as cinzas desunidas”. Atribuiria à lembrança o sentido de uma ilusão, como se observou com relação ao sonho, em que a imaginação, dirigida para o fantástico, para a ficção, confundia-se com a anterioridade que constitui a marca temporal da memória. Noutro poema, a mesma não memória, mundo natural de pedras e formigas, indicaria essa presença natural, imemorial – atemporal, de algum modo – que estará nos primeiros poemas de *Les Planches courbes*.

Mais vite les voici
 Rédimées par l’herbe.
 Je n’ai troublé qu’un peu
 La vie sans mémoire. (*Planches*, p.36)

[Mas rápido ei-las
 Redimidas pela relva.
 Só atralhei um pouco
 A vida sem memória.]

Há uma proximidade entre memória e origem, mundo simbólico não fragmentado, que ressurge em *Les Planches courbes*. O poema se tornaria “matéria viva”, por um apelo, através da memória, a esse lugar. A poesia pretenderia um objeto, uma unidade. Trata-se de uma abertura também ao “ser”, na obra de arte e na língua: a uma intimidade, exposição a uma afeição, a uma asserção do eu.

[...] Et qu’il y a au moins un objet, l’unité, l’au-delà des significations toujours relatives, qui échappe aux leurres de l’écriture –

alors qu'il est justement le fondement suffisant, encore que difficile, d'un rapport lucide à nous-mêmes. Qu'avons-nous fait depuis le début de l'humanité, sinon vouloir être l'origine et non simplement un aspect du sens qu'a commencé le langage; sinon nous arracher d'un chaos, du rien, pour créer un monde? (*Entretiens*, p.62) [(...)E que haja ao menos um objeto, a unidade, para além das significações sempre relativas, que escapa aos enganos da escrita – enquanto é justamente o fundamento suficiente, ainda que difícil, de uma relação lúcida com nós mesmos. O que fizemos desde o início da humanidade, senão pretender ser a origem e não simplesmente um aspecto do sentido que a linguagem inaugurou; senão nos arrancar do caos, do nada, para criar um mundo?]

Daí um desejo da origem, em seus ciclos de vida e de morte: na linguagem. O esquecimento torna-se a sua contraparte, instituindo-se através dessa não memória da memória, ou da memória dessa não memória.

Nos livros de poemas *Ce qui fut sans lumière* e *Les Planches courbes*, essa origem encontraria, ademais, a presença dos mitos. Eles trariam consigo a possibilidade de conhecer o segredo da origem das coisas. São acontecimentos que passam a ter o seu lugar num tempo primordial. A presença/origem torna-se histórica e a-histórica, memorial e imemorial. Ela compartilharia a temporalidade do mito, que será incorporado à sua representação: de Zêuxis, Mársias, Ceres, Prosérpina, Ulisses, Psiquê, Caronte. E, portanto, um pensamento da origem que pertence, ao mesmo tempo, ao instante do eu e ao infinito. Corresponde, além disso, a uma memória da terra: mundo que deve ser nomeado em sua presença material. Assim está na terceira parte do poema “L’agitation du rêve” de *Ce qui fut sans lumière*.

Je referme les yeux. Et m'apparaît
Maintenant, dans le flux de la mémoire,
Une coupe de terre rouge (*CFL*, p.89)

[Fecho os olhos de novo. E me aparece
Agora, no fluxo da memória,
Um vaso de terra vermelha]

A tradução de Yves Bonnefoy da poesia de William B. Yeats, Giacomo Leopardi e John Keats, nos anos 1990, talvez aponte para alguns desses caminhos. Trata-se de uma “solicitação da arcádia”, como já se assinalou, na promessa do real a partir da evidência de seus bens, e de seus mitos. Esperança de remontar a uma força mais antiga da língua, do ser, de suas relações. A uma unidade no simples, fundindo a apreensão do mundo e do eu num ato de suficiência, em que este se conjuga com um tipo de possessão: da ideia, do conceito, da imagem. Memória, nesse sentido, como um esquecimento de si.

Mas sem que resulte jamais na perda da memória: esquecimento de sua própria história, de seus símbolos e presenças. Para dizer do retorno a eles e a um mundo intuído em suas palavras. “Busca do sentido”, unidade que estará fora do tempo, embora evocada no tempo. Paradoxo, no entanto – e esse é o sentido principal deste último estudo – que será apreendido menos como tensão, do que através de um gesto de confiança, em oposição ao rastro, tempo da diacronia irrecuperável. Para Emmanuel Lévinas, na tradução brasileira de *De l'existence à l'existant*: “não se resgata o sofrimento [...] a felicidade da humanidade não justifica a infelicidade do indivíduo, a retribuição no futuro não esgota apenas as penas do presente. Não há justiça que possa repará-las. Seria preciso poder voltar a esse instante ou poder ressuscitá-lo. Ter esperança é, portanto, ter esperança na reparação do irreparável – é, portanto, ter esperança no presente”.

Em Yves Bonnefoy, a esperança é a mesma que possibilita a afirmação de um lugar da memória. Memória da infância em *Les Planches courbes*, tanto mais do que a sua perda. Assentimento às palavras (a seu corpo), a si e à própria memória, buscando neles uma matéria, mas como modo de um acesso simples à unidade do mundo.

Par la grâce du mot, conséquemment, parce qu'il est ce corps matériel, naturel, qui a l'infini de la chose, notre corps peut venir à la rencontre du monde, à ce niveau élémentaire, antérieur aux notions, où ce monde est précisément totalité, unité. (*Entretiens*, p.262) [Pela graça da palavra, consequentemente, porque ela é esse corpo material, natural, que tem o infinito da coisa, nosso corpo pode vir ao encontro do mundo, nesse nível elementar, anterior às noções, onde esse mundo é precisamente totalidade, unidade.]